

Série Turisol de Metodologias

Turismo Comunitário

Parte 1



Semeando o Turismo Comunitário pelo Brasil





Realização:



Parceiros Financiadores da Série Turisol*:



Parceiro apoiador:



*As organizações financiadoras da Série Turisol de Metodologias no Turismo Comunitário não são necessariamente parceiros financiadores de cada experiência relatada pela Série. A TAM, o Ministério do Turismo e a Fundação Kellogg financiaram a produção e redação dos livretos por meio de convênio ou termos de parceria firmados com o Projeto Bagagem.

De onde estamos vindo



A Rede Brasileira de Turismo Solidário e Comunitário – Rede Turisol, é composta por organizações que se uniram com a missão de fortalecer o turismo comunitário no Brasil. Atualmente a rede é composta por 23 iniciativas localizadas em 10 estados do Brasil e mais de 100 municípios, e encontra-se em fase de expansão. As principais linhas de atuação da Turisol são:

- 1) Comercialização
- 2) Comunicação
- 3) Impactos em Políticas Públicas
- 4) Capacitação e intercâmbios
- 5) Universidade e Turismo Comunitário
- 6) Juventude e Turismo Comunitário

Em 2008, o Ministério do Turismo, por meio do Edital de Chamada Pública de Seleção de Projetos de Turismo de Base Comunitária, selecionou de forma inédita 50 projetos (entre mais de 500 projetos inscritos) de apoio ao turismo de base comunitária distribuídos em 19 estados brasileiros. Dentre os 50 aprovados, 5 são membros da Rede Turisol, que se inscreveram de forma articulada, viabilizando assim a implementação de

um plano de trabalho da rede, executado sob a liderança do Projeto Bagagem. Este plano de ação envolve o fortalecimento dos destinos da rede por meio da criação de produtos promocionais e estratégias de comercialização conjuntas do turismo comunitário. As principais iniciativas deste plano incluem a expansão da rede através da inclusão de novos membros, a criação de um portal da rede, um catálogo promocional, a publicação da Série Turisol de Metodologias no Turismo Comunitário e a realização de encontros regionais e de um Encontro Nacional entre os membros da rede.

A produção da Série Turisol de Metodologias no Turismo Comunitário contou com o financiamento para a redação e coordenação da TAM Linhas Aéreas, da Fundação Kellogg e do Ministério do Turismo. E com uma generosa parceria com o Museu da Pessoa, que possibilitou a realização de uma roda de histórias filmada, bem como de entrevistas de histórias de vida ou temáticas em seu estúdio em São Paulo. Assim, foram gravadas 9 entrevistas temáticas, de 5 lideranças comunitárias e 4 técnicos ou coordenadores de ONGs locais que atuam com essas comunidades, que incluíram elementos das histórias de vida de cada entrevistado, e também uma roda de histórias com 6 projetos membros da rede.

A Série Turisol de Metodologias no Turismo Comunitário é composta por 7 volumes que registram as histórias e metodologias das seguintes experiências:

- 1) Projeto Saúde e Alegria (Santarém, PA)
- 2) Associação de Agroturismo Acolhida na Colônia (SC)
- 3) Pousada Uacari, Instituto Mamirauá (Tefé, AM)
- 4) Projeto Bagagem (São Paulo, SP)
- 5) Fundação Casa Grande (Nova Olinda, CE)
- 6) Rede Tucum (12 comunidades do litoral do Ceará)
- 7) Pousada Aldeia dos Lagos (Silves, AM)

Nos últimos 10 anos, estas experiências estão entre as iniciativas que mais se destacaram no Brasil, e diante de uma crescente demanda por informações sobre como iniciar e gerenciar o turismo comunitário em outras localidades, surgiu a idéia de uma sistematização que deu origem a esta Série. Com estes registros esperamos informar, compartilhar e inspirar o desenvolvimento de novas iniciativas voltadas ao turismo comunitário no Brasil e no mundo.

Boa leitura!

São Paulo, 2010



Apresentação

“Sempre quis conhecer a Amazônia, mas a idéia de passar uma temporada em algum hotel de selva nunca me agradou muito. Mais do que simplesmente colocar os pés na floresta, eu queria entender como as pessoas vivem ali. Em janeiro de 2006, embarquei numa viagem com esse propósito. Passei nove dias num barco viajando pelos rios Tapajós e Arapiuns, no Pará, como participante do Projeto Bagagem.

O Bagagem é um projeto de promoção do turismo comunitário. Funciona como uma espécie de agência de viagem social, levando grupos de turistas para conhecer regiões lindíssimas do Brasil ao mesmo tempo em que contribui para o desenvolvimento de pequenas comunidades. É um turismo diferente, com atividades e passeios organizados pela população local. A idéia é aproveitar a natureza e interagir com os moradores e com os outros “bagageiros” – gente vinda de todos os cantos do Brasil e do mundo.

O que eu fiz na Amazônia? Nadei no Tapajós (acredite, o rio tem algumas das praias mais maravilhosas do país), conheci uma sumaúma de 500 anos (a árvore é o ponto alto de uma trilha de mais de cinco horas floresta adentro, vale o suor) e aprendi a tecer com palha de tucumã, só para citar algumas coisas. E virei uma fã entusiasmada do Bagagem, daquelas que recomendam a viagem a qualquer um que se interesse pela Amazônia.”

Cynthia Rosenberg, trecho publicado no site da Época Negócios, 10/07/2008

“Acredito que o grande diferencial do Projeto Bagagem é atuar no turismo de base comunitária em território nacional, dialogando e interagindo com diversas outras ONG's e comunidades que desenvolvem projetos localmente. A partir da relação com o Bagagem, que envolve muita dedicação, cuidado e respeito, essas ONG's e comunidades conseguem maior visibilidade para suas ações que, em geral, têm abrangência local e/ou regional; entram em contato com a realidade de outros comunitários que trabalham com esse tema no Brasil; e contam com apoio técnico em viagens e processos de formação, que são muito mais do que roteiros e cursos teóricos respectivamente. São, principalmente, vivências e oportunidades práticas de planejar o turismo a partir das comunidades.”

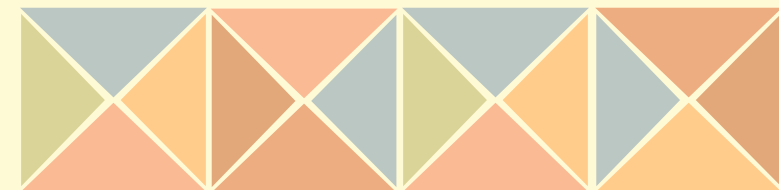
Ana Gabriela da Cruz Fontoura Estação Gaboraba, Representante Regional do Projeto Bagagem na Amazônia





Índice

De onde estamos vindo	03
Apresentação	05
Introdução	07
Histórico	08
Metodologia	30
Conquistas e desafios	56
Considerações finais	67
Contatos/Créditos	70



Introdução

“Este volume é um registro da experiência do Projeto Bagagem desde sua criação em 2002 até 2010. Era uma necessidade e um compromisso. Uma necessidade que sentíamos de sistematizar, voltar no tempo e caminhar novamente pela trilha que deu origem ao projeto para chegarmos ao presente e nos lançarmos bem alicerçadas a uma nova e decisiva etapa. E um compromisso com todas as comunidades e ONGs que nos escreveram pedindo apoio sobre como começar a trabalhar com turismo comunitário. O livro conta a história do projeto e ao mesmo tempo revela parte das nossas próprias histórias de vida que foram transformadas com ele e por ele.

Contamos a história e compartilhamos as principais ferramentas e estratégias que nos ajudaram. Tentamos não descrever apenas o que deu certo. Não é um relato de um caso de sucesso. Fizemos questão de deixar claros os desafios, porque foram nesses momentos que demos os maiores saltos.

Também sentimos o desejo de dividir com os financiadores do Projeto Bagagem nossa caminhada e a importância que eles tiveram para que tudo isso acontecesse. Ashoka Empreendedores Sociais, Fundação Kellogg, Flores On Line, William Rozenbaum Trosman, Ministério do Turismo e TAM Linhas Aéreas deram suporte para que a instituição se estruturasse financeiramente e ampliasse sua atuação. Graças a essas parcerias fundamentais, que apostaram no Bagagem como instituição, avançamos muito e atingimos um novo patamar.

E por último, escrevemos pensando em todos os estudantes que nos procuraram, se oferecendo para vagas de estágio que não existiam, ou pedindo informações para trabalhos de conclusão de curso ou mestrado. Com estes também nos sentimos comprometidas. Por isso dedicamos essas páginas às comunidades, ONGs parceiras, financiadores, viajantes, estudantes e entusiastas que acreditam no turismo comunitário e na valorização dos conhecimentos e do modo de vida de quem mora em lugares de mais difícil acesso, mas não menos brilhantes do nosso país.”

Mônica e Cecília

Este volume da Série Turisol de Metodologias no Turismo Comunitário começa com o relato de como duas amigas de faculdade conseguiram montar uma ONG para contribuir com o turismo comunitário no Brasil. Apresenta a história do projeto, um breve contexto das ONGs no Brasil, bem como os princípios e conceitos referentes ao turismo comunitário, em que se baseia. Em seguida, apresenta ferramentas que foram desenvolvidas ao longo da história do Projeto Bagagem com o objetivo de auxiliar quem está buscando criar projetos ou roteiros de turismo comunitário. As ferramentas aqui apresentadas estão voltadas para a criação de roteiro, sua gestão, comunicação e finalmente aborda as principais conquistas e desafios que fizeram parte da história da iniciativa desde que foi idealizada em 2002 até o lançamento da Série Turisol em 2010.

Histórico

A Inspiração

O Projeto Bagagem nasceu a partir do desejo de duas amigas de faculdade e colegas de trabalho de contribuir com iniciativas bem-sucedidas de organizações não-governamentais do Brasil, e que tinham o desafio de apoiar a geração de renda nas comunidades onde atuavam.

Foi assim que Mônica e Cecília, começaram a desenhar e planejar uma ação que pudesse atingir esse objetivo. Ao longo da graduação em Administração de Empresas na Fundação Getúlio Vargas de São Paulo conheceram o Terceiro Setor que crescia rapidamente durante a segunda metade da década de 1990. Trabalharam no comitê local da AIESEC/FGV, Cecília passou pelo Centro de Estudos do Terceiro Setor (CETS-GV), Mônica pela Assessoria de Desenvolvimento Institucional da FGV, organizaram seminários e escreveram matérias para jornais na faculdade sobre o tema. E antes mesmo da formatura

tinham clareza de que a opção não seria trabalhar em um banco ou em uma multinacional, mercado de trabalho mais comum e desejado para quem estuda Administração de Empresas, mas sim dedicar tempo e carreira ao trabalho de construção e busca de soluções para os problemas e desafios sociais, econômicos, culturais e ambientais do Brasil.

Formadas em 1998, começaram a vida profissional no Instituto Ayrton Senna como participantes do primeiro programa de trainees da organização, e lá tiveram a oportunidade de conhecer de perto algumas iniciativas inovadoras que estavam tendo muito sucesso na área da educação não-formal apoiadas pelo Instituto. A Fundação Casa Grande, o Projeto Saúde e Alegria e o Centro Popular de Cultura e Desenvolvimento – grandes fontes de inspiração para elas – faziam parte deste grupo. São ONGs localizadas em Nova Olinda (CE), em Santarém (PA) e no Vale do Jequitinhonha (MG), respectivamente.



A Fundação Casa Grande, por exemplo, com muita criatividade criou uma escola de comunicação para a meninada do sertão, onde uma rádio comunitária é liderada por crianças e jovens que ouvem, transmitem e fazem música de alta qualidade. Além disso, a Casa Grande em si é um espetáculo à parte. É um museu onde as crianças contam a história ancestral da região do Cariri, com seus mitos e lendas, trilhando o caminho dos índios e moradores pré-históricos até chegar na cultura sertaneja, identidade que significa valor e vínculo com as raízes da terra.

QUE LUGAR É ESSE ONDE O ARNALDO ANTUNES VAI TOCAR NA FESTA DA RENOVAÇÃO?

Visite a Fundação Casa Grande

www.fundacaocasagrande.org.br

Fachada da Fundação Casa Grande, Nova Olinda/CE

Já o Saúde e Alegria criou um circo mambembe (O Gran Circo Mocarongo de Saúde e Alegria) onde os números apresentados por comunitários e arte educadores transmitem as mensagens dos conteúdos trabalhados junto a comunidades ribeirinhas dos Rios Tapajós, Arapiuns e Amazonas pela equipe multidisciplinar da ONG. Dentre as atividades desenvolvidas com muita alegria e seriedade estão um programa de comunicação popular que estimula a criação de sucursais comunitárias de rádio e jornal para a troca de informações. Isto sem falar nos programas de Saúde e Economia da Floresta, que de forma sempre inovadora estimulam o desenvolvimento sustentável e integrado destas comunidades.

QUE LUGAR É ESSE ONDE UMA CANOA COM UM MEGAFONE PASSEIA PELO RIO CONVOCANDO A COMUNIDADE PARA UM CIRCO, NA LINGUAGEM DA BRINCADEIRA E DA MÚSICA, ONDE OS PALHAÇOS ANIMAM OS COMUNITÁRIOS A LIDERAREM OS ESPETÁCULOS, E COM TECNOLOGIAS SIMPLES E BARATAS E DE ALTO IMPACTO, COMO A PEDRA SANITÁRIA E O FILTRO DE BARRO, REDUZIRAM A MORTALIDADE INFANTIL A PRATICAMENTE ZERO? QUE LUGAR É ESSE ONDE EXISTE UM BARCO HOSPITAL?

Quer conhecer o Saúde e Alegria e as comunidades ribeirinhas? Visite www.saudeealegria.org.br



E o CPCD nasceu do desejo de revolucionar o papel da escola e do educador no interior de Minas Gerais. A partir da conclusão de que a escola não estava ensinando como deveria, a ONG idealizou a 'Escola Debaixo do Pé de Manga' e desenvolveu uma metodologia de jogos e brincadeiras onde as crianças aprendem matemática, português e um monte de outras coisas brincando. Do Projeto Sementinha (espécie de jardim de infância vivencial, baseado na Educação Popular) surgiu o Ser Criança, um projeto de educação não-formal para crianças de 7 a 14 anos. E as Fabriquetas foram uma consequência, atendendo à demanda dos jovens acima de 14 anos que não queriam se desvincular da ONG e que buscavam seu espaço no mercado de trabalho. Tem também o Coral dos Meninos de Araçuaí, que com o seu sucesso doou um cinema à cidade de Araçuaí, o Centro de Permacultura do Vale do Jequitinhonha, e assim vai.

QUE LUGAR É ESSE ONDE UMA ONG FOI ESCOLHIDA PARA ASSUMIR A SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DO MUNICÍPIO?

Quer conhecer o CPCD?
Visite www.cpcd.org.br

Que lugares são esses? Inspiradas e despertadas por estas e outras iniciativas, Mônica e Cecília queriam estar mais perto: das crianças, das comunidades, dos educadores, das escolas, do museu, da rádio, do pé de manga, do circo, do barco hospital. Queriam ver as cores, sentir os cheiros, ouvir os sons, viver a emoção de estar nesses lugares. E o melhor de tudo seria poder tornar esses lugares visíveis e acessíveis a qualquer pessoa. Para viver e se transformar. Para aprender, e com a própria viagem, contribuir com o desenvolvimento das comunidades e o fortalecimento das ONGs.

Foi assim, movidas por essa grande admiração pelas próprias raízes que chegaram a esta resposta, resultado de um sonho de dois anos de criar alguma ação de sustentabilidade e geração de renda a essas iniciativas que pudesse colocar em prática o que viram e aprenderam na faculdade. Mas como chegaram a esta idéia?

Durante o mestrado em Londres, Mônica teve contato com os conceitos do comércio justo e do turismo solidário. Primeiro pensaram em criar uma estratégia de comércio justo, mas não tinham capital para abrir uma loja, trabalhar com logística ou distribuição de produtos. Assim, elaborando melhor as idéias e com um pé na realidade

chegaram à conclusão de que seria mais razoável trabalhar com um serviço justo, que não precisasse de capital inicial, seguindo os princípios do comércio justo. Mas ainda não estava claro que serviço seria esse.

Em 2001, a licença-maternidade de Cecília coincidiu com a volta de Mônica para o Brasil após a conclusão do mestrado em Gestão de ONGs em Londres. E na tentativa de encontrar uma resposta, reunidas na casa de Cecília em São Paulo, encontraram inspiração em uma matéria publicada na Folha de São Paulo sobre a Expedição Vaga Lume, iniciativa de três amigas que passaram um ano planejando uma expedição para implantar bibliotecas comunitárias em comunidades rurais na Amazônia. A matéria dizia que as três tinham se dividido, e durante um ano uma trabalhou no mapeamento das comunidades, a outra na elaboração das oficinas e seleção do acervo de livros infantis e a terceira na captação de recursos. Elas tinham tido sucesso e após essa fase de planejamento ativo, viajaram por dez meses pela Amazônia Legal, implantaram dezenas de bibliotecas comunitárias e capacitaram professores na mediação de leitura para crianças. Era a primeira Expedição Vaga Lume que acontecia e as inspirava ainda mais a criar algo concreto, que todo mundo entendesse e, acima de tudo, útil para as comunidades.

**Para conhecer mais sobre a
Expedição Vaga Lume visite
www.vagalume.org.br**

Mediação de leitura na comunidade Nova Esperança, Médio Juruá, Carauari, AM.
Acervo Vaga Lume

Para chegar à resposta que queriam, fizeram duas perguntas. A primeira foi:

Do que mais gostamos na nossa vida profissional?

E a resposta foi imediata: viajar para os projetos apoiados. Mas nesse tipo de viagem, quando se representa uma organização financiadora, normalmente não existe tanto tempo para ficar conversando com a parteira, pescar de madrugada ou nadar no igarapé. Os relatórios, reuniões, avaliações são mais urgentes e tomam uma importância que não permite uma convivência mais longa e relaxada, com modos de vida diferentes e cheios de encantamento para serem compartilhados. E foi assim, nessa tarde de 2001 que responderam à segunda pergunta:

Como gerar renda para as comunidades?

A idéia surgiu e veio como uma ação simples e concreta: a organização de viagens de férias, para qualquer pessoa, de qualquer área profissional, para esses lugares. Descobrir um Brasil diferente, criativo, que faz muito a partir de poucos recursos, que detém soluções que inspiram políticas públicas nas áreas de saúde, educação, meio ambiente,

1 No início focamos principalmente no público nacional pois tratava-se de uma idéia experimental. Aos poucos o público internacional foi se aproximando e hoje representa uma parcela significativa dos viajantes.

mobilização comunitária e tantas outras. Todo brasileiro tem que conhecer esses lugares. Todo brasileiro tem que reconhecer o valor das soluções que a sociedade é capaz de criar. Todo brasileiro¹ tem que conhecer tamanha riqueza e aprender mais sobre o universo das ONGs, compreender melhor a complexidade dos problemas sociais, econômicos, ambientais e políticos, as polêmicas e os atores envolvidos em um país que ainda tem tão grande concentração de renda e diferença social.

Reunião debaixo do pé de manga, CPCD, Curvelo/MG



O surgimento da ideia no contexto das ONGs no Brasil

No Brasil, o universo das ONGs é complexo e diverso. Segundo Leilah Landim (ABONG 2002), até o final do século XIX o que havia em termos de educação, saúde e assistência social eram organizações criadas pela Igreja Católica com o mandato do Estado. Nas décadas de 30 e 40, o Estado passa a prestar diretamente esses serviços às camadas excluídas com políticas de bem-estar fragmentadas e excludentes que deram espaço para o surgimento de diversas organizações privadas sem fins lucrativos. Ainda eram entidades com vínculo grande de dependência com o Estado e que em sua maioria nasceram ligadas à Igreja Católica. Mais para frente, durante a ditadura militar na década de 70, um outro perfil de entidades começa a surgir. São entidades de ação coletiva, de luta em defesa de direitos humanos e promoção da cidadania e da democracia, que se mostram em conflito com o modelo político da época, e com ideais de liberdade e autonomia em relação ao Estado.

Ainda segundo Leilah Landim (ABONG 2002), no meio dos anos 80, encontros e convenções internacionais, que reuniram organizações de países da América Latina com a presença de agências internacionais, passaram a discutir o termo ONG pela primeira vez. Em seguida, vieram outros fatos que expandiram, estruturaram e divulgaram a atuação das ONGs no Brasil, tais como as conferências das Nações Unidas envolvendo a participação de ONGs, a fundação da ABONG em 1991, a organização da reunião paralela de ONGs durante a ECO 92 no Rio de Janeiro, bem como a crescente preocupação com a criação de um marco legal para o setor. Mais tarde, o surgimento da lei das OSCIPs e a criação de cursos de especialização, eventos acadêmicos e não acadêmicos sobre ONGs contribuíram para o crescimento do setor.

Tudo isso consolidou e reconheceu o lugar das ONGs dentro da sociedade brasileira que não deixou de ser menos diverso. Essa diversidade pode ser vista hoje na convivência entre entidades filantrópicas, associações e fundações empresariais de responsabilidade social, e outras associações com as mais diversas finalidades. O processo de profissionalização do gerenciamento das ONGs seguindo modelos privados com



organogramas, ferramentas de planejamento, planos de comunicação e de negócios revela uma transformação mais recente no universo dessas instituições.

Passando da história das ONGs para a história do Projeto Bagagem, Mônica e Cecília sabiam que para fazer uma análise mais profunda e marcante de tantos aspectos históricos, organizacionais, sociais, não bastava ler ou ouvir, era preciso também viver. Conviver. Conviver com organizações e comunidades que, com muita criatividade conseguem adaptar uma ferramenta do setor privado com uma criação própria da sua realidade para fazer sentido e ser de fato impulsionadora do seu legítimo crescimento. Transformar um Organograma em um Orérganograma como fazem os Doutores da Alegria, com sua genial equipe. Ou ainda ter uma estratégia de comunicação de conceitos de saúde baseados em um circo, como faz o Projeto Saúde e Alegria. Tudo isso só poderia ter nascido no Brasil, seja dentro dos hospitais públicos, seja nas comunidades ribeirinhas da Amazônia ou nas caminhadas pelo interior da Bahia.

O surgimento da idéia do Projeto Bagagem nasceu portanto como um convite e um desafio para re-conhecer

esse outro lado do Brasil, recente, em transformação, cheio de desafios e que tem conseguido mostrar que as mudanças têm que surgir das bases, que a participação dos anos 70 continua como alicerce fundamental para a consistência de iniciativas, e que novas maneiras de trabalhar se agregaram a isso, gerando impactos interessantíssimos de serem re-conhecidos.



O início do Projeto Bagagem e os princípios do turismo comunitário

Para começar, foi eleito o Projeto Saúde e Alegria como o primeiro parceiro local. Mônica partiria em breve para um período de seis meses de voluntariado na ONG, durante o primeiro semestre de 2002, e poderia começar a articular essa possibilidade com a coordenação do PSA e com as lideranças comunitárias. Mas elas sabiam desde esse dia, que uma viagem para a Fundação Casa Grande, para o CPCD e para outras localidades onde a vida comunitária borbulhava, aconteceriam em algum momento.

Dividiram as tarefas. Mônica cuidaria da articulação do roteiro com as comunidades e com o Saúde e Alegria e Cecília ficaria responsável por criar um site, fazer um texto para a imprensa e divulgar a viagem para viabilizar uma primeira viagem-piloto. Planejaram no orçamento o mínimo de sete pessoas inscritas pagando R\$ 600,00 fora a

passagem aérea, para que a viagem não desse prejuízo e ainda sobrassem R\$ 300,00 para cada uma das três associações de moradores das comunidades visitadas.

Chegando em Santarém, Mônica apresentou ao Saúde e Alegria a ideia das duas organizações², em parceria, começarem a levar grupos de viajantes para as comunidades dentro dos princípios do turismo comunitário. O Saúde e Alegria se interessou e sugeriu que propusessem a ideia diretamente às comunidades. Assim, Cecília tirou uns dias de férias e se encontrou com Mônica na comunidade de Suruacá, no Rio Tapajós.

Durante o percurso, que incluiu o vôo para Santarém e o trajeto de voadeira até a comunidade (pelas mãos do Seu Bigode, comandante que manejava a lancha no meio das ondas durante a travessia do Rio Tapajós), Rodrigo, marido de Cecília sugeriu o nome Projeto Bagagem, que foi incorporado aos documentos e falas.

Foi um momento de grande emoção, seguido de inúmeros outros que marcaram a inesquecível primeira expedição que aconteceu em julho de 2002, durou 9 dias, e inaugurou o roteiro Amazônia Ribeirinha, em parceria com o Projeto Saúde e Alegria.

² Nesta época o Projeto Bagagem era apenas uma iniciativa informal sendo iniciada.





Chegando lá acontecia uma das oficinas do Núcleo de Educomunicação do PSA. Com tubos de PVC largos e uma placa de compensado em cima, o palhaço Pimentinha ensinava as crianças a fazer malabarismo se equilibrando em cima do rola rola, o mais novo brinquedo construído lá mesmo. À noite, assistiram ao Gran Circo Mocarongo de Saúde e Alegria. Mocarongo é o nome de quem nasce em Santarém. Carioca no Rio, Mocarongo em Santarém. Quer nome melhor para o circo? Aprenderam sobre a farinha múltipla, sobre como colocar cloro na água, e durante o dia visitaram o sistema de abastecimento de água da comunidade, coisa simples para quem mora na cidade, mas uma estrutura pouco acessível para milhares de comunidades no Norte do país. Fizeram a trilha para o Igarapé de Santa Quitéria, passando pela obra abandonada de um hotel de um francês que fora embargado pelo Ibama. No meio da viagem, chega o momento de se encontrar com o então presidente da Associação dos Moradores da comunidade de Suruacá, para propor a idéia dos visitantes chegarem na comunidade e aprenderem sobre os projetos, a associação, participarem de um programa da rádio Japiim³ entre outros traços do modo de vida local.

³ Japiim é um passarinho preto que imita o canto de todos os outros pássaros, um grande comunicador amazônico.

Na hora ele foi cauteloso e respondeu: "Se for para os visitantes chegarem aqui, tirar um monte de fotos e vender em São Paulo, como já aconteceu uma vez, não queremos". E foi explicado que seria justamente o contrário. A viagem seria criada para que os recursos ficassem na comunidade. Era essencialmente um projeto de geração de renda nas comunidades. Ele topou dizendo assim: "Para saber se dá certo, só tentando." Cecília voltou para São Paulo animada para construir o site enquanto Mônica tinha o desafio de articular com as demais comunidades uma proposta de roteiro, orçamento, programação com atividades de troca cultural sugeridas e lideradas por eles.

Faltando 15 dias para o término do prazo de inscrições a sétima pessoa confirmou a inscrição. São Paulo, Jundiaí, Minas Gerais e Brasília, eram as localidades dos inscritos. Cecília chegou em Santarém um dia antes do início da viagem. E no grande dia da chegada dos participantes, lá estavam elas no aeroporto de Santarém, assistindo ao pouso do avião pela janela de vidro. E quando viram os participantes desembarcarem olharam uma para a outra e disseram:

**- Meu Deus, eles vieram mesmo!!!
O Projeto Bagagem existe.**



"Aprendi ainda mais que a vida vale a pena pelas coisas simples que ela oferece, pelas pessoas que passam no nosso caminho, cada uma com a sua riqueza. Aprendi um pouco mais sobre o meu país, as belezas naturais e as belezas humanas. Como fomos bem recebidos! Tanto carinho por parte de pessoas que são tão diferentes de nós, realidades tão diferentes, mas que nos receberam tão bem! E como somos privilegiados por ter a Região Amazônica em nosso país".

"Além de estar começando a atuar na área ambiental, nisso a viagem foi o meu pontapé inicial, o que me impactou mais foi a questão do desenvolvimento comunitário. Como faz uma diferença na vida das pessoas, nas suas consciências e na luta pelos seus direitos. Ainda mais, é a busca pelo bem estar de todos e não o bem estar individual. Foi maravilhoso!"

Carla Perdiz

"No aspecto financeiro teria de se tornar mais sustentável. Talvez seria interessante ter mais umas 2 ou 3 pessoas no grupo. De resto, acho que a direção tomada está certíssima e os resultados desta primeira viagem piloto demonstram isso."

Rodolfo Marino

"...a viagem foi uma iniciativa criativa, inovadora e surpreendente. Contribuir para uma ação comunitária nunca será mais realizador do que participar dela e esse projeto engloba as duas coisas com sucesso e com dignidade numa relação de igualdade e humanidade."

Camila Figueiredo

Desde o começo do projeto, o que dava segurança e um norte para a iniciativa foi ter listado os princípios do turismo comunitário com os quais Mônica e Cecilia se identificavam e queriam trabalhar. Com isso era mais fácil explicar a todo mundo o que era o Projeto Bagagem. Esses princípios foram estudados e sistematizados pelo Projeto Bagagem a partir de princípios comuns aos projetos de turismo comunitário do mundo todo.

O que é Turismo Comunitário para o Projeto Bagagem?

Turismo comunitário é a atividade turística que apresenta gestão coletiva liderada pela comunidade, transparência no uso e destinação dos recursos e na qual a principal atração turística é o modo de vida da população local. Nesse tipo de turismo a comunidade é proprietária dos empreendimentos turísticos e há a preocupação em minimizar o impacto ambiental e fortalecer ações de conservação da natureza.

Princípios do Turismo Comunitário

1 – Turismo da comunidade - participação

A comunidade deve ser proprietária dos empreendimentos turísticos e gerenciar coletivamente a atividade.

2 – Turismo para a comunidade

Comunidade deve ser a principal beneficiária da atividade turística, que existe para o desenvolvimento e fortalecimento da Associação Comunitária.

3 – Atração principal = modo de vida

A principal atração turística é o modo de vida da comunidade, ou seja, sua forma de organização, os projetos sociais que faz parte, formas de mobilização comunitária, tradição cultural e atividades econômicas.

4 - Partilha cultural

As atividades são criadas para proporcionar intercâmbio cultural e aprendizagem aos visitantes e aos anfitriões.

5 – Conservação ambiental


Os roteiros respeitam as normas de conservação da região e procuram gerar o menor impacto possível no meio ambiente, contribuindo para o fortalecimento de projetos e ações de conservação ambiental na comunidade.

6 – Transparência no uso dos recursos

Comunidades e visitantes participam da distribuição justa dos recursos financeiros.

7 – Parceria social com agências de turismo

Busca por envolver todos os elos da cadeia do turismo no benefício das comunidades.



Com as respostas de o que fazer e como contribuir com as comunidades, princípios de turismo comunitário, um nome já escolhido, o interesse de uma ONG e três comunidades comprovado na parceria e a dedicação voluntária de duas colegas de faculdade com atuação no Terceiro Setor, nasce em 2002 o Projeto Bagagem.

Inicialmente o projeto foi definido da seguinte maneira: "O Projeto Bagagem é uma iniciativa sem fins lucrativos que promove o turismo comunitário em regiões do Brasil que apresentam um grau significativo de organização comunitária. Por meio de viagens, o projeto leva um grupo de pessoas interessadas em conhecer melhor o país, para conviverem de maneira direta com a população local. Mais do que visitar atrações turísticas, a idéia é dar aos visitantes a oportunidade de experimentarem a vida nas comunidades como ela realmente é, em um processo de aprendizagem e intercâmbio cultural, onde participantes e membros das comunidades saem ganhando. A viagem é também uma oportunidade de conhecer o trabalho da ONG parceira e fonte de renda para as comunidades."

Após a primeira viagem, foi feita uma avaliação com as comunidades, com os visitantes e com a ONG parceira. As comunidades elogiaram, mas deixaram claro que era preciso continuar, que apenas uma viagem não geraria o impacto necessário. Os participantes e o Saúde e Alegria incentivaram. Era tudo o que queriam ouvir.

O caminho da construção da metodologia

Com o roteiro Amazônia Ribeirinha se consolidando, começaram a planejar a expansão da idéia para outras regiões. Neste momento se lembraram de duas iniciativas no Ceará: a Prainha do Canto Verde (Beberibe) e a própria Fundação Casa Grande. Foi assim que bolaram o roteiro Ceará Mar e Sertão. Em 2005 foi realizada a primeira e única viagem a este roteiro pelo Projeto Bagagem, experiência que trouxe importantes lições sobre a verdadeira vocação do projeto em semear o turismo comunitário onde ele ainda não existia. Embora as experiências visitadas sejam realmente incríveis e bem-sucedidas, foi decidido investir esforços em localidades onde a semente ainda não havia sido plantada.

“Realmente o conceito de viagem solidária do Projeto Bagagem foi uma idéia inovadora, que gostei muito. A visita de pessoas solidárias e interessadas nos desafios das comunidades faz o diferencial de agências de viagens convencionais. O que eles trazem e levam na Bagagem é muito importante.”

**René Schärer,
Prainha do Canto Verde**

Jangada tradicional na Prainha do Canto Verde, Beberibe/CE



Por isso, ainda em 2005 foi pensado começar um roteiro de turismo comunitário em uma localidade que já fosse turística, para analisar como seria a experiência e assim foram buscar indicações de projetos na Chapada Diamantina. Na época, a Ashoka Empreendedores Sociais⁴ indicou o Grãos de Luz e Griô, ONG vencedora do primeiro lugar do Prêmio Itaú Unicef em 2003, por ter criado uma pedagogia inovadora unindo ancestralidade, identidade, tradição oral e educação em Lençóis, na Bahia.

A visita de campo resultou na mudança de Cecilia para Lençóis, e com isso o Projeto Bagagem passou a ter uma atuação diária e próxima da comunidade, desejo antigo e necessidade sentida para que pudesse experimentar metodologias e processos de capacitação mais intensos. Da mesma forma com que Mônica esteve presente durante a criação do roteiro Amazônia Ribeirinha em Santarém, Cecilia passaria a estruturar um novo destino e a consolidar uma nova parceria pessoalmente.

Assim foi criado em parceria com o Grãos de Luz e Griô, o Programa de Formação de Jovens em Turismo Comunitário, Educação e Cultura Oral, unindo o que havia de melhor nas duas organizações.

Durante dois anos o programa foi implementado em oficinas diárias de terça a sexta, durante quatro horas por dia. O resultado foi o envolvimento de três comunidades da zona rural de Lençóis, 18 jovens beneficiados com a renda gerada e 4 Trilhas Griôs criadas que geraram em dois anos mais de R\$ 54.000,00 apenas para essa localidade. Foram mais de 170 visitantes. Além disso, 5 pousadas domiciliares foram estruturadas com apoio do Projeto Bagagem e do Grãos de Luz e Griô e com recursos da Fundação Kellogg.

Em 2006, ao refletir sobre a atuação do Projeto Bagagem, chegaram a uma nova configuração da própria ação, com assessoria em avaliação e planejamento estratégico de Lillian Pacheco, coordenadora do Grãos de Luz e Griô. Neste momento se reconheceram como um exemplo que estava dando certo para incentivar políticas públicas de turismo comunitário e se integraram à Rede Turisol - Rede Brasileira de Turismo Comunitário e Solidário. Além disso, desenharam três programas, descritos a seguir, e revisaram a visão de futuro do Projeto Bagagem. A visão anterior "Tornar-se uma referência na criação de alternativas de desenvolvimento local por meio do turismo comunitário" mudou para "Tornar o Brasil um país referência no Turismo Comunitário".



Primeira expedição de bagageiros do Rio de Janeiro, Minas Gerais, EUA e São Paulo ao roteiro Ceará Mar e Sertão Julho de 2005

Programas do Projeto Bagagem

Rede de Destinos de Turismo

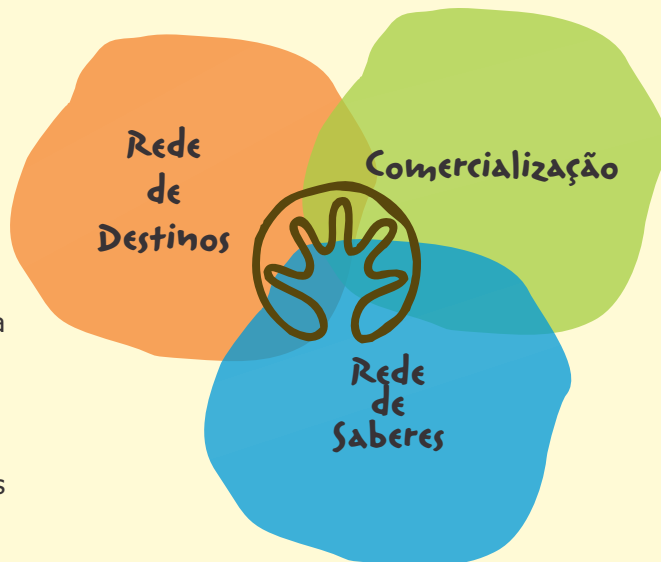
Comunitário - apóia, em parceria com ONGs e associações de moradores, a criação de novos roteiros de turismo comunitário por meio de visitas de campo, encontros de formação e viagens piloto

Rede de Comercialização - articula parcerias comerciais para a venda de roteiros

Rede de Saberes - sistematiza materiais e capacitações para disseminar metodologias que deram certo e busca fomentar políticas públicas de turismo comunitário.

Em 2007, o Ministério do Turismo convidou o Projeto Bagagem, a Associação de Agroturismo Acolhida na Colônia e a Fundação Casa Grande para participarem de uma reunião com a UFRJ e os Ministérios do Turismo, Meio Ambiente e Desenvolvimento Agrário para discutir o primeiro apoio do Ministério para os projetos de turismo comunitário. Como resultado das discussões apresentadas durante a reunião, foi lançado o primeiro edital de fomento aos projetos de turismo comunitário do Brasil pelo Ministério do Turismo.

Em 2009, o Projeto Bagagem passou a empreender esforços de comercialização de roteiros já estruturados da Rede Turisol, como a Fundação Casa Grande, a Rede Tucum, a Pousada Aldeia dos Lagos e a Acolhida na Colônia, mas os investimentos em estruturação de destinos foram feitos em localidades iniciantes.



Grupo na Casa Familiar Rural de Gurupá



Resultados do Projeto Bagagem entre 2002 e 2009

Ano	Roteiros	Parceiros	Número de grupos	Número de participantes	Receita	Destino da Receita
2002 a 2005	1. Roteiro Amazônia Ribeirinha (PA)	Projeto Saúde e Alegria	8 grupos	88	R\$ 87.500,00	30% para as comunidades e ONGs parceiras 10% Projeto Bagagem 60% custos de terceiros (transporte, alimentação, outros)
	2. Roteiro Ceará Mar e Sertão (CE)	Fundação Casa Grande e Prainha do Canto Verde				
2006 a 2009	3. Gurupá Terra das Águas (PA)	Instituto Gurupá e Casa Familiar Rural de Gurupá	25 grupos	227	R\$ 163.000,00	33% para as comunidades e ONGs parceiras 9% Projeto Bagagem 58% custos de terceiros (transporte, alimentação, outros)
	4. Trilhas Griôs (BA)	Grãos de Luz e Griô Associação de moradores da Ilha do Araújo, Campinho da				
	5. Raízes de Paraty	Independência e Praia Grande da Cajaíba				
	6. Conexões Caiçaras	Cooperguará Ecotur				

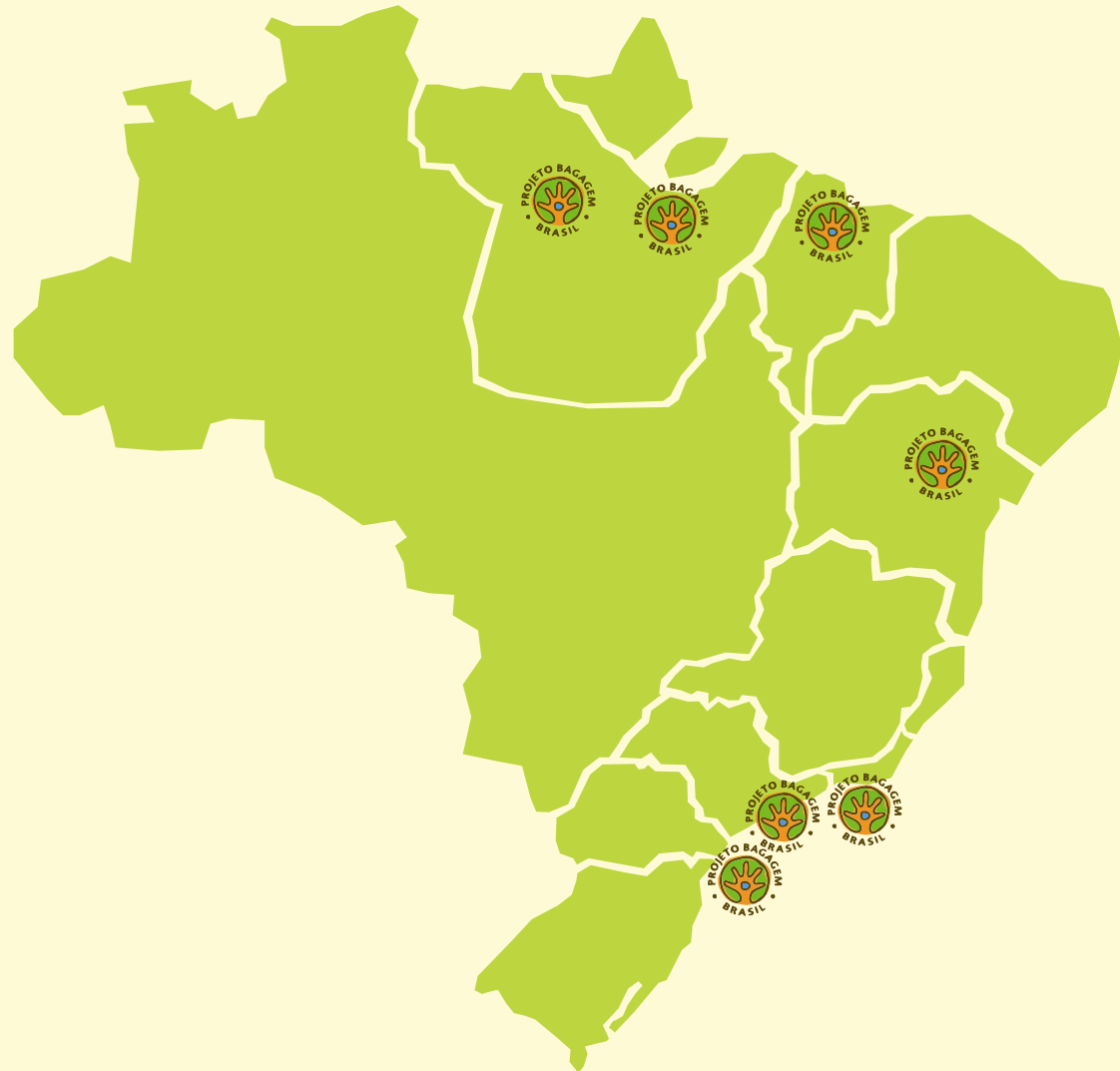


1. Rede de Destinos de Turismo de Comunitário

Consiste em parcerias com ONGs de reconhecido impacto social. Implementa a criação de roteiros de turismo comunitário bem como projetos de formação, capacitação e investimentos nas comunidades.

“O Projeto Bagagem, ao valorizar a riqueza das culturas das comunidades, contribui para que comunitários concebam as práticas e saberes que fazem parte do seu cotidiano de forma diferenciada. Ao valorizarem sua cultura, percebi que gradativamente as pessoas passam a perceber o significado do turismo comunitário e mais do que isto, passam a se colocar e se organizar para gerir esta atividade. Na minha opinião, o Bagagem faz com que as pessoas descubram vocações, fortaleçam as relações comunitárias, aprimorem conhecimentos e habilidade para o turismo e cuidem do lugar onde vivem.”

Beatriz Cabral, Representante Regional Sul do Projeto Bagagem



Roteiro	Parceiro	Cidade	Estado
Amazônia Ribeirinha	Projeto Saúde e Alegria	Santarém	PA
Gurupá Terra das Águas	Instituto Gurupá e Casa Familiar Rural de Gurupá	Gurupá	PA
Trilhas Griôs	Grãos de Luz e Griô	Lençóis	BA
Lençóis Maranhenses	Instituto Formação e CIP Jovem Cidadão	São Luiz e Barreirinha	MA
Conexões Caiçaras	Cooperguará Ecotur	Guaraqueçaba	PR
Raízes de Paraty	Associações de moradores do Campinho da Independência, Ilha do Araújo e Praia Grande da Cajaíba	Paraty	RJ
Juréia	Instituto Elos Associação de Jovens da Juréia	Juréia	SP

2. Rede de Comercialização

Consiste em parcerias com agências de turismo e organizações de turismo sustentável nacionais e internacionais e busca eficiência e transparência na comercialização do turismo comunitário no Brasil, com o objetivo principal de gerar renda e fortalecer as comunidades visitadas. O desenvolvimento de um modelo específico de comercialização voltado para os roteiros criados pelo Projeto Bagagem e seus parceiros e para os demais membros da Rede Turisol – Rede Brasileira de Turismo Solidário e Comunitário, faz parte da estratégia dessa rede.

Uma missão técnica para identificar parceiros na Europa foi realizada em Fevereiro de 2008 em quatro países com apoio da ONG parceira Alter Nativas e REAS e parte do recurso foi proveniente do prêmio conquistado em 2007 SEED Awards, Supporting Entrepreneurs for Environment and Development (Apoiando o empreendedorismo para o meio ambiente e o desenvolvimento) das Nações Unidas.

Agência ou organização parceira	Cidade	Ação realizada
Agência Biosfera Brasil	São Paulo	Promoção dos roteiros
Associação Alter Nativas de Iniciativas Interculturais	Pamplona, Espanha	Promoção dos roteiros e convite para palestra nas Jornadas de Turismo Responsable em 2008
Natura Cosméticos S.A.	São Paulo	Organização de viagens de incentivo para as promotoras conhecerem comunidades fornecedoras de matéria prima
Instituto Votorantim	São Paulo	Premiou um grupo de estudantes que participaram do Trote da Cidadania com uma viagem do Projeto Bagagem para as Trilhas Griôs
Associação dos Ex Alunos da FGV	São Paulo	Promoveu o prêmio Insight GV de Responsabilidade Social para alunos da Fundação Getúlio Vargas e como prêmio foi organizada uma viagem ao roteiro Trilhas Griôs
Agência Gondwana	Paraná	Promoção dos roteiros
Agência Promobrás	Suíça	Promoção de roteiros do Projeto Bagagem na Suíça
Agência Araribá	São Paulo	Promoção de roteiros do Projeto Bagagem combinados com roteiros de estudo do meio para escolas
Agência Matueté	São Paulo	Inclui nas suas viagens customizadas atividades em comunidades em parceria com o Projeto Bagagem
Fundação Educar DPaschoal	São Paulo	Premiou o grupo de estudantes universitários do Trote da Cidadania com uma viagem para a Chapada Diamantina
Associação Mama Nature	França	Promove os roteiros do Projeto Bagagem junto a agências francesas de turismo solidário
Agência Aniyami Turismo	Rio Grande do Norte e Espanha	Fundada por um espanhol residente no Brasil inclui atividades nas comunidades em parte dos seus roteiros para estrangeiros no Brasil
Agência Turismo Consciente	São Paulo	Promove os roteiros do Projeto Bagagem junto a seu público

3. Rede de Saberes

Consiste na sistematização de metodologias dos projetos de formação da Rede de Destinos. Também compõem essa rede as ações junto às Secretarias e Ministérios para que o turismo comunitário se torne uma política pública nos municípios e estados brasileiros.

- Participação na discussão que gerou o primeiro edital do Ministério do Turismo de apoio ao Turismo Comunitário
- Coordenação do lançamento da Série Turisol de Metodologias em Turismo Comunitário.



Camila Appel e morador da Ilha de Santa Bárbara, Gurupá/PA